



A infra-estrutura viária e as transformações morfológicas do território de Santa Maria da Feira

Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Rua da Travagem nº340, Telefone/fax: 00 351 933920801
ivoliveira@arquitectura.uminho.pt

Esta proposta de comunicação decorre da investigação, realizada na Universidade do Minho, com o título “O LUGAR COMUM: Propostas fundadas na reinvenção da infra-estrutura”, para tese de doutoramento orientada pela arquitecta Maria Manuel Oliveira e pelo geógrafo Álvaro Domingues. Com o objectivo de conhecer alguns dos elementos estruturantes da transformação contemporânea do território de Santa Maria da Feira, serão apresentados desenhos temáticos cuja realização foi fortemente informada por dados recolhidos ao longo das diversas visitas ao território. Nos desenhos estão representados, separadamente ou em conjunto, os diversos elementos que compõem o espaço viário, permitindo uma visão explícita, mas evidentemente parcial, de uma realidade territorial que é extremamente complexa.

A importância dos desenhos advém da sua capacidade de descrever os temas que mais informam estes lugares e revelar relações que, tal como na cidade, se estabelecem entre a arquitectura e o território e cujo valor heurístico ajuda a explicar o interesse com que os arquitectos dissecam estes lugares.

Para tentarmos compreender os processos de construção do território de Santa Maria da Feira recorremos a um texto fundamental de Manuel de Sola-Morales (2003) “Las formas del crecimiento”. Sola-Morales considera que o processo de construção resulta da combinação no tempo de três operações: *Parcelamento*, *Urbanização* e *Edificação*. No que diz respeito ao território que está para lá dos limites da cidade, diversas investigações têm afirmado a especial importância do *Parcelamento* na estruturação da forma urbana e na compreensão dos seus espaços e das suas transformações. No entanto, em Santa Maria da Feira acreditamos que a quantidade e diversidade das transformações ocorridas na sua infra-estrutura viária, a forma como são informadas por práticas genéricas e sectoriais têm contribuído para que *Parcelamento* e *Edificação* percam centralidade na caracterização da estrutura territorial. Esta facto leva-nos a levantar, novamente a questão: Qual será, em Santa Maria da Feira, a operação mais estruturante da composição do território?

Reconhecemos a importância do *Parcelamento* na determinação da forma urbana, que na cidade permanece articulado com o edificado e com a sua contínua substituição. No território de Santa Maria da Feira, a diversidade formal das ocupações e dos usos da parcela foi fazendo dela, ao longo dos anos um suporte estável e, supostamente, suficientemente resistente a muitas transformações quotidianas. No entanto, as operações de *Urbanização* mais recentes, às quais no contexto de Santa Maria da Feira preferimos chamar operações de infra-estruturação, com metodologias muito específicas, têm transformado profundamente a estrutura territorial.

Inúmeras auto-estradas, variantes, vias estruturantes, rectificações do perfil, nós de articulação, loteamentos de dimensões cada vez mais significativas que juntam parcelas para posteriormente as dividirem surgem de forma fragmentada no território. Simultaneamente têm por base regulamentos e legislação que, tende a reduzir a diversidade formal, a uniformizar a manifestação da Parcela e do Edificado sobre o espaço viário, e procuram, acima de tudo, garantir que cada actor não veja o seu espaço de actuação invadido por práticas que coloquem em causa a sua independência técnica, administrativa e até mesmo jurídica. Cada entidade que dá corpo a esta prática sectorial actua sobre um espaço do qual não é proprietária mas no qual determina, fortemente, a sua organização e a gestão. Esta forma de actuação assume um papel determinante na transformação contemporânea do território e tem fortes implicações na sua espacialidade.

O Parcelamento que explica muitas das antigas morfologias pode, hoje, ser visto como uma etapa de um caminho que nos levou a uma lógica de produção sectorial. A construção de um novo arruamento, a implementação da iluminação pública, a colocação de uma linha de abastecimento eléctrico, a revisão de um perfil, o constante redesenho da topografia, a introdução de um passeio, ou a normalização dos muros limite acontecem segundo lógicas cada vez mais distantes da realidade parcelar. A prática é sectorial e tem dificuldade em sistematizar actuações e em conferir coerência à paisagem. O papel central da parcela vai-se transformando numa espécie de sonho nostálgico.

Este ponto de vista permite-nos afirmar que às morfologias enraizadas no *Parcelamento* devem-se juntar, para uma representação e compreensão mais vasta do território, as morfologias que as práticas sectoriais, que actuam na infra-estruturação do território, estão a produzir. É comum ouvirmos dizer que o urbano possui distintas morfologias. Trata-se agora de as representar e de dar corpo a uma estrutura conceptual que leve à reinvenção dos seus espaços.

Palavras-chave

Território, Difuso, Infra-estrutura, Espaço Público

Referências

- BARBA, R (1992), Las grandes formas del territorio. o...porque hablar siempre del interior de la ciudad? in Quaderns nº 194, Barcelona, 41-43.
- CHOAY, Françoise (1994) "El Reino de lo Urbano y la Muerte de la Ciudad" in RAMOS, Angel M. (ed.) (2004), *Lo urbano en 20 autores contemporâneos*, Edicions UPC, Barcelona.
- SECCHI, Bernardo, 1999, "Citta moderna, citta contemporanea e loro futuri" in Dematteis, G., Et al., *I futuri Della città. Tesi a confronto*, Milao, Franco Angeli.
- SOLA-MORALES, Manuel, 2003 [1986], Las formas del crecimiento in *Las formas de crecimiento urbano*, Barcelona, Edicions UPC, 19-22.